

## TEORIA E PESQUISA EMPÍRICA EM PSICOLOGIA

Elementos para uma reflexão sobre as obras  
de Skinner e Leontiev\*

Emmanuel Zagury **TOURINHO**  
Professor Auxiliar do Departa-  
mento de Psicologia Social e  
Escolar da **UFPA**.

**RESUMO:** SKINNER e LEONTIEV são dois autores cujas obras vêm assumindo grande relevância no meio acadêmico e científico da Psicologia. O trabalho que se segue procura oferecer subsídios para a discussão de algumas questões importantes sobre estes autores. Não se trata de um resumo de suas diferentes proposições para o estabelecimento da psicologia enquanto disciplina científica. Ao invés disso, o objetivo deste texto é, partindo de uma leitura inicial destes autores, demonstrar que o behaviorismo radical (de SKINNER) tem raízes numa epistemologia empirista clássica e que a psicologia soviética (como apresentada por LEONTIEV) pode ser vinculada a uma epistemologia materialista histórica e dialética. Para discutir as implicações destas posturas, analisa-se alguns princípios que as fundamentam, a partir do papel que atribuem à teoria e à pesquisa empírica no processo de construção

---

\* A primeira versão deste texto foi elaborada, em 1985, com base numa leitura inicial das obras de SKINNER e LEONTIEV. Atualmente, procedendo a uma leitura cuidadosa da obra de SKINNER, acredito que algumas considerações aqui presente precisariam ser revistas, principalmente no que diz respeito à maneira como SKINNER trata do problema da teoria. É possível que, da mesma forma, alguma imprecisão seja encontrada nas considerações sobre LEONTIEV. Entretanto, considerando os objetivos no Resumo, preferi evitar muitas alterações e deixar novas análises para uma outra oportunidade. (São Paulo, 1987).

do conhecimento científico. Por último, procura-se demonstrar a inconveniência de se vincular pesquisa empírica a uma única epistemologia e a necessidade de considerá-la como inerente a qualquer modelo de prática científica. Esclarecendo alguns princípios que fundamentam as posições de cada autor, espera-se estar facilitando a leitura e compreensão de suas respectivas obras.

**ABSTRACT:** SKINNER and LEONTIEV are two authors whose work has achieved extensive relevance within the academic and scientific psychological community. This present work attempts to offer additional background for the discussion of some important questions regarding these authors. This is not just a resume dealing with their different proposals establishing psychology as a scientific discipline. Instead, beginning with an initial reading of their work, the objective of this text is to demonstrate that radical behaviorism (of SKINNER) has its roots in classical empiricist epistemology, and that Soviet Psychology (as presented by LEONTIEV) may be linked to a historical and dialectic-materialist epistemology. In order to discuss the implications of these positions, some underlying principles are analyzed, starting with the role which they attribute to theory and empirical research in the process of the construction of scientific knowledge. Finally an attempt is made to demonstrate the problem of linking empirical research to a single epistemology and the need to consider it as intrinsic to any model of scientific practice. It is hoped that by clarifying some of the principles in which the positions of each author are grounded will facilitate a reading and comprehension of their respective works.

## 1 INTRODUÇÃO

A intenção de elaborar um texto com subsídios para uma discussão sobre as obras de SKINNER e LEONTIEV surgiu da constatação de que se trata de dois

grandes autores em psicologia, cujas obras têm sido bastante debatidas ultimamente. Este debate se mostra interessante na medida em que ambos já se dedicaram a pesquisas experimentais em psicologia, ambos combatem a existência de explicações mentalistas acerca da atividade humana, mas cada um dirige sua argumentação para uma proposta diversa de psicologia.

As colocações aqui apresentadas dirigem-se àqueles que, ao iniciar uma leitura destes autores, vêm-se diante da questão: mesmo considerando-os ambos materialistas, em que medida SKINNER e LEONTIEV divergem ou convergem naquilo que propõem como psicologia científica? Como seria bastante inapropriada uma simples enumeração de pontos de divergência/convergência, procura-se recuperar informações básicas sobre as epistemologias subjacentes a suas obras, a partir do que, acredita-se ficar facilitada a assimilação de suas posições. Para executar esta tarefa, discute-se o papel atribuído por cada autor à teoria e à pesquisa empírica no processo de elaboração do conhecimento científico<sup>1</sup>. Não significa que estes sejam os únicos indicadores a partir dos quais pode-se caracterizar determinada epistemologia. Mas certamente constituem pontos centrais que, esclarecidos, oferecem bons parâmetros para a compreensão dos autores.

Por uma questão de clareza, procura-se, primeiro, discutir cada autor em separado e, finalmente, tecer um paralelo a respeito de suas posições. As-

<sup>1</sup> É certo que uma análise completa deveria considerar a existência de diferentes modelos de teoria e de pesquisa empírica em ciência. Entretanto, dado os objetivos limitados deste texto, este tipo de discussão será evitado.

sim sendo, inicia-se analisando as colocações do **SKINNER**, procurando caracterizá-lo enquanto um dos principais representantes do empirismo clássico na psicologia científica.

## 2 SKINNER E O EMPIRISMO CLÁSSICO:

**SKINNER** é considerado um dos principais nomes da história da psicologia por ter introduzido um novo modelo de prática científica nesta área de conhecimento. Este modelo tem alicerces naquilo que se pode considerar sua inovação fundamental: a aplicação, ao comportamento humano, dos princípios do empirismo clássico - uma abordagem inaugurada por Bacon no século XVII, mas até então negligenciada pela psicologia em favor de abordagens tradicionalmente mais voltadas para a especulação teórica do que para a coleta sistemática de dados empíricos. Muitas vezes, os argumentos apresentados por **SKINNER**, em defesa de uma psicologia empírica, assemelham-se àqueles presentes nos textos de **BACON** (escritos três séculos antes), com a única diferença de que agora não se referem à ciência em geral, mas simplesmente ao estudo do comportamento humano. Como exemplo desta constatação, pode-se recorrer a textos dos próprios autores:

"Os ídolos e as noções falsas que ora ocupam o intelecto humano e nele se acham implantados não somente o obstruem a ponto de ser difícil o acesso da verdade, como, mesmo depois de seu pórtico logrado e descerrado, poderão ressurgir como obstáculo à própria instauração das ciências

as..." (**BACON**, 1979, p. 20-1).2

"As filosofias preponderantes da natureza humana reconhecem uma 'vontade' interna que tem a força de interferir com as relações causais e que torna impossíveis a previsão e controle do comportamento. Sugerir que abandonemos esta noção é ameaçar muitas crenças acalentadas e destruir o que parece ser uma concepção produtiva e estimulante da natureza humana." (**SKINNER**, 1981, p. 20).

Os ídolos a que **BACON** se refere correspondem, nas críticas de **SKINNER**, principalmente à crença existente de que o homem é um agente livre, não sujeito às determinações do meio ambiente. Esta pre-suposição alimenta, na psicologia, a resistência a um dos principais pressupostos da epistemologia de **BACON** e **SKINNER**: a necessidade, para qualquer ciência, de observar e descrever os fenômenos de que se ocupa. Esta posição ficará mais clara com a apresentação de outras informações sobre a concepção Baconiana de ciência.

Em 1620, **BACON** publicou uma obra (intitulada "Novum Organum", em referência ao "Organon" de Aristóteles) onde critica a lógica escolástica em vigor nas ciências, a qual traz implícita a especulação teórica e o desprezo pela observação e experimentação. Propõe um novo modelo de se fazer ciência, com dois princípios básicos: a necessidade de se obser-

2 **BACON** (1979) utiliza o conceito "ídolo" para se referir aos diversos tipos de pré-concepções que dificultam o conhecimento de um dado fenômeno por descartar a necessidade de observá-lo.

var direta e cuidadosamente os fatos e a inutilidade de se fazer uso de constructos teóricos que antecipam a natureza dos fenômenos.

Ao pregar a observação dos fatos, **BACON** contava toda uma tradição de conhecimento especulativo, tradição esta apoiada principalmente nas obras de **ARISTÓTELES**, que não levava a nenhum avanço na compreensão e solução dos problemas que cercavam o homem da Idade Moderna e que, mesmo assim, dirigia toda a atividade de produção de conhecimento. Em um certo sentido, interessado na produção de um conhecimento que pudesse ser aplicado na solução daqueles problemas, pode-se dizer que **BACON** tinha uma preocupação utilitarista com relação à ciência. Mas esta não pode ser considerada a justificativa fundamental para suas colocações. Mais do que este fator, realçava a convicção de **BACON** acerca da necessidade de se buscar um novo modelo de prática científica que garantisse um real avanço no conhecimento da natureza. Assim, o ponto central de sua argumentação é a certeza da inconveniência de métodos como a lógica do silogismo para a apreensão da realidade, certeza que já se apoiava em suas próprias experiências de observação da natureza. A respeito daqueles que apenas se dedicavam à especulação, afirmava **BACON**:

"E esse (método) não consiste senão, da parte de quem se disponha e apreste para a descoberta, em reunir e consultar o que os outros disseram antes. A seguir, acrescentar as próprias reflexões. E, depois de muito esforço da mente, invocar, por assim dizer, o seu gênio para que expanda os seus oráculos. Trata-se de conduta sem qualquer fundamento e que se move tão so-

mente ao sabor de opiniões." (**BACON**, 1979, p. 50).

Uma decorrência importante do uso da observação no modelo proposto por **BACON** é a opção pelo método indutivo no processo de investigação científica, em contraposição ao método dedutivo difundido por abordagens especulativas. Estas, segundo **BACON**, (1979) nada fazem além de especular sobre os fenômenos (através das Teorias) e colecionar uns poucos eventos que legitimem tal especulação. Assim, o procedimento adequado deve ser aquele de observar uma variedade significativa de manifestações do fenômeno em estudo para, então, poder-se articular alguma explicação consistente a seu respeito. Ao propor a indução, **BACON** tem o cuidado de alertar para a necessidade de que o salto dos fatos para as explicações ocorra sobre bases sólidas. Em erro grave incorrem aqueles que, mesmo partindo dos fatos, se apressam em oferecer explicações sem controle empírico. Este último deve ser regulador das explicações (ou axiomas) a que se chega.

Como o método indutivo também leva a explicações sobre a natureza dos fenômenos, é importante entender em que medida estas podem ser consideradas "teorias". **BACON** distingue dois tipos de teoria: a "antecipação da natureza" e a "interpretação da natureza". A primeira diz respeito a elaborações do intelecto humano, concebidas prematuramente, sem que se tenha dados para legitimá-la, ou limitando-se aos dados de poucas instâncias, mais familiares a todos os indivíduos. A segunda representa somente uma articulação de ordem entre os fatos observados. Ao criticar o uso da teoria na construção do conhecimento, **BACON** refere-se às antecipações da natureza, as quais são incompatíveis com um modelo induti-

vista de ciência. Quanto às 'interpretações', embora possam ser taxadas de teorias, não passam, em última instância, de uma síntese adequada das observações, pois encontram-se sob controle empírico. Em momento algum, representariam uma pré-concepção do cientista a respeito da natureza do fenômeno em estudo.

Como BACON, SKINNER surgiu para contestar, na psicologia, a especulação teórica e o desprezo pela pesquisa empírica. Ao tomar o comportamento como objeto de estudo da Psicologia, SKINNER procura delimitar um campo de investigação em que se possa proceder de acordo com os princípios do empirismo clássico.

A teoria presente na obra de SKINNER (1981) limita-se à organização dos fatos observados sobre o comportamento. Este autor e seus seguidores criticam duramente a existência de antecipações teóricas pelo fato de que, além de nada esclareceram sobre os determinantes dos quais o comportamento é função, funcionam como normatizações que dirigem a observação dos fenômenos e deturpam a sua apreensão. Na posição de SKINNER, somente ignorando estas pré-concepções e observando o comportamento sob rígido controle experimental, pode-se esperar que a psicologia se edifique como verdadeira ciência. Embora largamente contestado, o argumento de que outras ciências se viram na necessidade de percorrer este caminho tem sido freqüentemente utilizado na defesa de uma psicologia empírica.

Muitas vezes, a crítica dirigida ao behaviorismo parte do princípio de que, limitando-se ao observável, o pesquisador deixa de levar em conta uma variedade de propriedades fundamentais da espécie humana, que a distinguem significativamente dos animais inferiores e, como tal, assumem papel tão ou

mais relevante do que os eventos empiricamente observáveis do meio ambiente na determinação do comportamento. Esta redução é contestada por SKINNER no sentido de que o behaviorismo, ao invés de desprezar aqueles fatores, procura demonstrar que têm uma dimensão empírica, a qual pode ser objeto de estudo de uma ciência do comportamento. Afirma SKINNER:

"Disse-se que uma ciência do comportamento desumaniza o homem porque é redutora. Diz-se que se avém com um tipo do fato como se ele fosse um tipo diferente - como acontece, por exemplo, na Psicologia Fisiológica. Mas o behaviorismo não se move de um sistema de dimensões para outro. Simplesmente proporciona uma explicação alternativa dos mesmos fatos. Ele não reduz os sentimentos a estados corpóreos; simplesmente argumenta que os estados corporais são e sempre foram aquilo que é sentido. Ele não reduz os processos de pensamento ao comportamento, simplesmente analisa o comportamento previamente explicado pela invenção dos processos de pensamento. Ele não reduz a moralidade a certos traços do ambiente social; simplesmente insiste em que estes traços sempre foram responsáveis pelo comportamento moral" (SKINNER, 1982, p.204)3

O que se observa é que as críticas dirigidas ao behaviorismo radical se caracterizam, na verdade, por um questionamento sobre a conveniência de se in

3 Grifos do autor.

investigar assuntos humanos a partir de uma perspectiva empirista. No mesmo sentido, as argumentações de SKINNER representam, no fundo, não uma defesa de pressupostos teóricos sobre o comportamento humano, mas a certeza da conveniência e necessidade da psicologia obedecer aos princípios do empirismo clássico para se firmar como ciência.

Apresentadas algumas considerações básicas sobre SKINNER passa-se a discutir a posição de LEONTIEV diante das questões levantadas.

### 3 LEONTIEV E O MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO :

LEONTIEV é atualmente um dos principais representantes da psicologia soviética - uma escola que pretende instaurar um novo estatuto epistemológico para a psicologia, tendo como principal característica a utilização do método do materialismo histórico e dialético no processo de elaboração de conhecimento sobre a atividade humana. Trata-se de uma abordagem complexa e, às vezes, polêmica, na medida em que rejeita os limites da epistemologia empirista, ao mesmo tempo em que pretende oferecer bases não especulativas para a construção de uma psicologia mais sólida. Embora critique SKINNER e seus seguidores, LEONTIEV compartilha das objeções que estes fazem às teorias mentalistas em psicologia.

Um dos principais pontos da psicologia de LEONTIEV consiste em salientar a determinação sócio-histórica no comportamento humano. Afirma que, na medida em que o homem adquiriu determinado arcabouço biológico e passou a ter seu processo de evolução determinado fundamentalmente por sua história social, é necessário estudá-lo dentro desta dinâmica de

produto e produtor de suas condições de vida (LEONTIEV, 1978a). Limitando-se a observar e descrever o comportamento humano, as tendências empiristas, a seu ver, não só se distanciam de uma compreensão mais correta a respeito da atividade humana, como se voltam para a produção de um conhecimento estéril, com um conteúdo ideológico contrário ao interesse de transformação social. Um trecho de LANE (1984, p. 15) ilustra bem esta posição. Afirma a autora:

"Se o homem não for visto como produto e produtor, não só de sua história pessoal mas da história da sociedade, a psicologia estará apenas reproduzindo as condições necessárias para impedir a emergência das contradições e a transformação social".

A crítica de LEONTIEV a determinadas implicações da prática empirista em psicologia não deve significar que refuta a necessidade de se fazer pesquisa empírica. Ao contrário, mesmo que se considere que o dado empírico não explica a si mesmo, e como tal deve ser mediatizado pela teoria no processo de apreensão da realidade, é exatamente a pesquisa empírica que constitui o primeiro passo para a construção de conhecimento sob uma perspectiva histórica e dialética. Esta posição não deve surpreender, uma vez que o próprio MARX, em 1873, já distinguia seu método de pesquisa do método de exposição, este último necessariamente precedido pelo primeiro. Explicitando esta posição de MARX, afirma CARONE (1984, p. 23):

"O método de pesquisa é a investigação de ordem empírica, a coleta de dados, a sua classi-

fição, o conjunto de técnicas e procedimentos adequados à apropriação analítica do material empírico - necessário não esquecer que Marx escolheu a Inglaterra<sup>4</sup>, entre outras razões, porque nela o levantamento estatístico a respeito da situação dos trabalhadores nas fábricas era menos precário do que na Alemanha e demais países da Europa Ocidental. O método de exposição é a reconstrução racional e teórica da realidade pesquisada, mas a exposição só é possível a posteriori da pesquisa empírica".

Estes métodos propostos por MARX derivam da distinção, para o materialismo histórico e dialético, existente entre a dimensão empírica e a dimensão concreta dos fenômenos. A primeira corresponde ao ponto de partida para a investigação científica, mas representa apenas uma instância da realidade (a imediata), fazendo-se necessário submetê-la a sucessivas análises a fim de que se atinja a dimensão do concreto, única instância na qual é possível que se recupere a perspectiva de síntese das multideterminações do fenômeno. No caso da psicologia, buscar este concreto significa recuperar o indivíduo enquanto manifestação de uma totalidade histórico-social. Para realizar esta tarefa, LEONTIEV lança mão de três categorias de análise, a seu ver as mais adequadas: atividade, consciência e personalidade.

Atividade, consciência e personalidade são entendidas enquanto categorias que se interpenetram e

<sup>4</sup> A autora se refere à escolha de MARX pela Inglaterra como um verso de sua pesquisa e análise sobre o processo de desenvolvimento do modo de produção capitalista.

cujo estudo garantiria a apreensão do nascimento, funcionamento e estruturação do reflexo psíquico da realidade, entendido enquanto mediador da vida dos indivíduos e colocado como objeto de estudo da psicologia soviética (LEONTIEV, 1978 b). Para trabalhar com estas categorias, LEONTIEV faz uso de determinadas construções teóricas que, ao contrário do que ocorre em abordagens empiristas, são consideradas indispensáveis para desvelar-se a realidade dos fenômenos em estudo.

Além de divergir em termos epistemológicos, como já explicitado, LEONTIEV faz duras críticas a pesquisadores behavioristas que atribuem grande relevância à pesquisa básica com animais para a compreensão do comportamento humano, classificando-os inclusive de "zoopsicólogos contemporâneos". Contudo, deve-se dizer que LEONTIEV já se dedicou a pesquisas experimentais com animais e a crítica citada acima não se dirige à realização destas pesquisas, mas unicamente à extensão da aplicação das conclusões derivadas destes estudos ao comportamento humano. Neste caso, não se trata de uma divergência de ordem epistemológica, até porque a transferência das conclusões de pesquisas com animais para assuntos humanos não é um pressuposto da epistemologia empirista, embora represente a prática de alguns cientistas behavioristas. Este exemplo demonstra a necessidade de se ter claro os princípios que fundamentam as obras dos autores, a fim de que suas colocações possam ser corretamente consideradas a partir deste contexto. Embora pertinente, não é esta crítica o ponto fundamental de discordância entre LEONTIEV e SKINNER, e sim seus pressupostos epistemológicos, conforme indicado anteriormente.

Ainda que pouco se tenha apresentado sobre as formulações de SKINNER e LEONTIEV (a preocupação

foi mais no sentido de esclarecer seus modelos de fazer ciência), parece ser possível, na seqüência deste trabalho, tentar articular um paralelo entre os dois autores, partindo destas considerações preliminares sobre as epistemologias que fundamentam suas práticas distintas de cientistas da psicologia.

#### 4 TRAÇANDO UM PARALELO ENTRE SKINNER E LEONTIEV

Em primeiro lugar, o que se precisa ter claro é que a pesquisa empírica é inerente a qualquer trabalho que se pretenda caracterizar como científico. Não há ciência sem pesquisa empírica, nenhum modelo de produção de conhecimento que a ignore pode ser colocado como científico. Mesmo modelos considerados 'alternativos', que visem superar as deficiências de uma prática meramente empirista, não são ingênuos a ponto de desprezar a necessidade de coletar dados empíricos. Diante deste fato, tanto a epistemologia de SKINNER quanto a de LEONTIEV enfatizam o papel fundamental da observação e descrição dos fenômenos de que se ocupam para a construção de uma psicologia científica. Este pode ser considerado um ponto de convergência entre os dois autores, o que não surpreende tratando-se de dois cientistas.

Onde SKINNER e LEONTIEV começam a divergir é no tratamento a ser dado ao produto da pesquisa empírica. O primeiro não aceita saltar da observação para teorias sem controle empírico. O segundo argumento que somente mediatizando o dado empírico pela teoria pode-se atingir o indivíduo concreto.

SKINNER justifica sua posição com o argumento de que o recurso às teorias foi responsável pelo lan-

go período em que a psicologia só existiu ao nível das especulações, sem conseguir se firmar como uma ciência. Assim, dever-se-ia assumir a necessidade de desprezar a especulação sem (ou com frágil) base empírica e procurar colecionar dados suficiente (tanto do ponto de vista quantitativo como qualitativo) para qualquer explicação sobre o comportamento humano. Além disso, sua postura fundamenta-se na convicção de que os eventos do meio ambiente (empiricamente observáveis) são muito mais importantes, enquanto determinantes do comportamento humano, do que se acreditava há algum tempo, e as pesquisas neste campo certamente fornecerão os dados essenciais para a compreensão deste fato. Antes de mais nada, SKINNER insiste na constatação de que o ambiente exerce controle sobre o comportamento humano e, sendo isso um fato, é tarefa da psicologia explicitar esse controle.

Na perspectiva de LEONTIEV, apenas observando e descrevendo o comportamento, acaba-se tomando os fenômenos humanos como inevitáveis e imutáveis, quando na verdade são fruto de uma determinação sócio-histórica e se encontram em permanente processo de transformação. Neste sentido, cabe à psicologia também captar esta determinação sócio-histórica e este processo de transformação, o que não está disponível na realidade empírica, só podendo ser alcançado através das análises teóricas a que se submete o dado empírico. Esta deve ser tomada como sua crítica fundamental à epistemologia empirista que fundamenta o behaviorismo radical, independentemente de outras restrições que apresente.

Uma crítica de LEONTIEV e seus seguidores ao behaviorismo radical merece ser discutida: a idéia de que a prática empirista implica um conteúdo ideológico reacionário. SKINNER é bastante enfático

ao atacar o conceito de homem enquanto um agente livre na sociedade (este, certamente um conceito ideologicamente reacionário). Na verdade, foi SKINNER quem rompeu com toda uma tradição humanista em psicologia e demonstrou que a idéia de um homem livre não passava de uma representação ideológica que impediria aos indivíduos uma tomada de consciência sobre o seu papel na dinâmica da sociedade. Isso tudo foi feito observando-se o comportamento humano e demonstrando o controle do meio ambiente sobre o mesmo. É claro que as exposições de LEONTIEV a todo momento resgatam o conteúdo da determinação sócio-histórica sobre o comportamento humano e, dessa forma, oferecem subsídios valiosos para a compreensão do processo de transformação social. Mas, daí a pensar que a postura empirista traz implícita a crença de que os fenômenos observados são inerentes à espécie humana parece constituir-se num equívoco. Que ela pode ser interpretada como tal e servir a determinados interesses, não há dúvidas. Mas é preciso saber-se até que ponto este fator pode ser tomado como parâmetro para invalidação de uma epistemologia.

Se se considera os argumentos que justificam a existência das duas epistemologias tratadas, observa-se que, na maioria das vezes, o que está sendo discutido é o valor heurístico de cada uma independente de implicações ideológicas (que certamente existem), o pano de fundo de toda discussão epistemológica é exatamente a busca do modelo mais eficaz para o processo de apreensão da realidade. SKINNER, tem suas razões para crer no sucesso do behaviorismo radical. LEONTIEV também as tem com relação a seu modelo de psicologia. Aos leitores, cabe entender a posição de cada um e fazer seu próprio julgamento.

## 5 A TÍTULO DE CONCLUSÃO :

Se o papel da teoria na elaboração do conhecimento científico em psicologia ainda pode ser foco de inúmeras discussões, o mesmo não pode ser dito a respeito da pesquisa empírica. Esta afirmação pode não parecer novidade, mas a verdade é que, muitas vezes, sob os argumentos contrários à ênfase com que o behaviorismo trata do dado empírico, abrigam-se inúmeras correntes que tratam com descaso o problema da pesquisa empírica. A especulação teórica, por mais rica e consistente que seja, por si só, não pode ser encarada prática científica, muito menos heurísticamente importante para a psicologia.

A realidade é que a psicologia, no estágio em que se encontra, registra uma carência significativa de dados obtidos sob critérios científicos. Parece que já se constituiria em razoável avanço se se conseguisse que, mesmo discordando quanto ao significado do dado empírico, os cientistas da psicologia se empenhassem em suprir esta lacuna. Algumas vezes, mesmo trabalhos considerados especulativos, são na verdade, elaborados com base em algum tipo de informação sobre a realidade de que o autor se ocupa. Neste caso, o problema reside, principalmente, na omissão destas informações e da forma como foram obtidas. A apresentação destes dados pode ser feita sem grandes esforços por parte daqueles que os possuem e com largos benefícios para o debate científico em psicologia. SKINNER pode ser criticado por uma variedade de afirmações, mas certamente tem razão ao enfatizar que a psicologia precisa observar e descrever mais os fenômenos que envolvem seu objeto de estudo. Se isso seria suficiente, pode-se discutir bastante, mas quanto a ser o ponto de partida, não deveria haver tantas dúvidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACON, F. Novum organum. 2.ed. São Paulo, Abril cultural, 1979. (Os Pensadores, 13)

CARONE, I. A dialética marxista; uma leitura epistemológica. In: LANE, S.T.M. & CODO, W. Psicologia Social; o homem em movimento. São Paulo, Brasiliense, 1984. p.20-30.

LANE, S.T.M. A psicologia social e uma nova concepção de homem para a psicologia In: LANE, S.T.M. & CODO, W. Psicologia Social; o homem em movimento. São Paulo, Brasiliense, 1984. p. 10-19.

LEONTIEV, A. N. O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa, Livros Horizonte, 1978a.

\_\_\_\_\_. Actividad, conciencia y personalidad. Buenos Aires, Ciencias del Hombre, 1978b.

SKINNER, B. F. Ciência e comportamento humano. 5.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1981.

\_\_\_\_\_. Sobre o behaviorismo. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1982.

Este livro foi impresso (com laudas datilografadas em polyester fornecidas pelo CFCH) na Gráfica e Editora Universitária da UFPA  
Trav. Ruy Barbosa, 491 — Reduto  
66.050 — Belém/PA